

O retorno do viajante: dispersões e reencontros na leitura

Maria Helena de Moura Arias
UEL

Resumo: Nesta proposta pretendo fazer uma análise sobre os percalços de certo leitor sugeridos pelo narrador do romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino, o qual apresenta as dificuldades e as surpresas pertinentes a cada leitura. Além disso, o romance destaca a relação desconfiada e conflituosa deste leitor com os livros que adquire e também com os editores que os produzem. Ao delinear o trajeto desta trama, Calvino consegue a proeza de instigar uma discussão sobre as diversas perspectivas apresentadas pela ficção contemporânea, entre elas a da metaficção, teoria em que, basicamente, a obra debruça-se sobre si mesma, não apresentando uma narrativa na forma tradicional baseada em uma história com começo, meio e fim.

Palavras-chave: Leitura. Leitor. Criação literária. Produção editorial.

Abstract: *In this proposal, I intend to make an analysis about the mishaps of certain reader suggested by the narrator of the novel "A traveler If on a winter night", Italo Calvino, which presents the difficulties and surprises related to each reading. Furthermore, the novel highlights the suspicious and confrontational relationship with the reader of this book that acquires and also with publishers that produces. When delineating the path of this plot, Calvino manages the feat of instigating a discussion of the various perspectives presented by contemporary fiction, including that of metafiction, in theory that basically, the work focuses on himself, not presenting a narrative in traditionally based on a story with a beginning, middle and end.*

Keywords: *Reading reader. Literary creation. Production editorial.*

Introdução

A propósito de outros aspectos bastante peculiares a temática da leitura, referimo-nos aqui à leitura de determinado livro. Não pretendemos abraçar abordagens elevando a leitura a toda sua amplitude. O que está em pauta é a relação leitor e livro.

Em seu ensaio 'O que é a história do Livro?', Robert Darnton, destaca que a própria leitura mudou ao longo do tempo, pois antes era feita em voz alta, em grupos, ou em segredo, mas com grande intensidade:

Se é possível retomar as grandes releituras do passado, a experiência anterior dos leitores comuns pode estar fora de nosso alcance para sempre. Mas deveríamos ao menos ser capazes de reconstruir boa parte do contexto social da leitura. O

debate a respeito da leitura silenciosa da Idade Média produziu evidências impressionantes sobre aos hábitos de leitura; e estudos das sociedades de leitura da Alemanha, onde floresceram de forma extraordinária nos **séculos XVII e XIX, demonstraram a importância da leitura no desenvolvimento de um estilo cultural distintamente burguês.** (DARNTON, p. 216, 2010)

Segundo ele, esses leitores tinham costume de ler repetidamente o mesmo texto, principalmente a Bíblia. Destaca ainda que essa passagem da leitura intensiva para a extensiva coincidiu com a dessacralização da palavra impressa, pois, “o mundo começou a ficar abarrotado de material de leitura, e textos começaram a ser vistos como mercadorias tão descartáveis quanto o jornal do dia anterior.” (DARNTON, p. 216 2010)

DARNTON (2010), alerta para a necessidade se procurar compreender o sentido dado aos livros pelas pessoas ao longo dos séculos, isto é, “seu uso em juramentos, troca de presentes, concessão de prêmios e doação de heranças, forneceria indícios de seu significado para diferentes sociedades.” (DARNTON, p. 216, 2010)

A iconografia dos livros poderia revelar o peso de sua autoridade, mesmo pra trabalhadores braçais que se sentavam nas igrejas perante imagens das tábuas de Moisés. O lugar dos livros no folclore, e os motivos folclóricos nos livros, demonstram que as influências foram mútuas quando as tradições orais entraram em contato com os textos impressos, e que os livros precisam ser estudados em relação com outras mídias. Essas linhas de pesquisa poderiam levar a diversos rumos, mas em última análise todos deveriam oferecer uma compreensão maior sobre como a imprensa moldou as tentativas do homem de extrair sentido da condição humana. (DARNTON, p.218, 2010)

Para DARNTON (2010), o livro impresso pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor.

Por influenciar o autor, tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. Autores também são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e autores, criam noções de gênero, estilo e uma ideia geral de iniciativa literária que afeta seus textos, quer escrevam sonetos shakespearianos, ou instruções para montagem de kits de rádio. Um autor pode usar seu trabalho para rebater críticas sobre sua obra anterior, ou prever reações que serão causadas pelo texto.(DARNTON, p.194, 2010)

O autor salienta ainda que, considerando pesquisas realizadas nas últimas décadas do século XVIII, as pressões políticas e econômicas daquele período estavam sempre mudando e que, por isso, “era preciso revisar continuamente os acordos com o mundo complexo dos intermediários, que ligavam as editoras às livrarias e, muitas vezes, determinavam, quais livros chegavam aos leitores franceses.” (DARNTON, p.205, 2010). Além disso, não se pode determinar como os leitores absorveram os livros, concluindo-se com isso, de acordo com Darnton, que a leitura permanece o estágio mais difícil de estudar em todo o circuito do livro.

Desta forma, consideramos oportunas as considerações apresentadas por Darnton, porque são apresentados argumentos pertinentes à relação do livro com o leitor e também ao processo de aproximação entre os dois.

Isso porque nosso pequeno ensaio faz esta articulação, utilizando o romance de Ítalo Calvino *Se um viajante em uma noite de inverno* como parâmetro, digamos técnico, porque o escritor se coloca no papel de leitor e enfoca o livro de uma forma bastante simbólica, recriando todo o ambiente responsável pela produção do mesmo, desde a editora, incluindo o editor e a livraria, até o consumidor daquele produto cultural. São focalizações críticas que trazem a compreensão deste universo muitas vezes ignorado pelos leitores, as quais apontam para etapas que transitam entre a gratidão e o desapontamento.

Preparar a bagagem

Para FISCHER (2006), a leitura sempre foi diferente da escrita. Destaca que a escrita prioriza o som, “uma vez que a palavra falada deve ser transformada ou desmembrada em sinais representativos. A leitura, no entanto, prioriza o significado.” (FISCHER, p.9, 2006)

Mas então o que é a leitura? Uma resposta não é simples, pois o ato de ler é variável, não absoluto. Em sua definição moderna mais ampla, a leitura é a compreensão de texto contínuo com sinais escritos sobre a superfície gravada. (FISCHER, p.13, 2006)

A leitura nos faz viajar, esta é a máxima utilizada quando pretendemos esclarecer os efeitos resultantes da leitura. A viagem conduzida pela leitura traduz-se em nosso conhecimento a cerca das coisas do mundo. As rotas indicadas, as estradas a serem seguidas, as placas que sugerem: Pare! Ou, Sigal!. É na leitura que alcançamos a graça impensável de chegar aos mais escondidos sentimentos humanos e, aos mais misteriosos lugares e paisagens. Quando lemos romances, diz Vargas Lhosa, “não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfixiante que é nossa vida real”. (VARGAS LHOSA, p. 17, 2004)

A leitura, este ato secreto e pessoal, deve estar desprovida de quaisquer interesses ou especulação para tornar-se agradável e desafiante. E esta é uma provocação ao nosso prolixo hábito de ler buscando alternativas e significados para os textos quando “é só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o ‘seu livro’.” (CALVINO, p. 12, 2007)

Roger Chartier afirma que a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados, pois, de acordo com ele a liberdade leitora não é jamais absoluta por estar cercada de limitações derivadas das capacidades e convenções que caracterizam o hábito da leitura. Para ele, “os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões para ler. Novas atitudes são inventadas e outras se extinguem”. (CHARTIER, 1999, 77):

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, 77)

Desta forma, algumas destas características citadas por Chartier, podem ser verificadas no romance *Se um viajante numa noite de inverno* do escritor italiano Ítalo Calvino, que foi publicado no ano de 1979 pela Editora Einaudi e, em uma Conferência no Instituto Italiano de Buenos Aires. Cinco anos após a publicação do livro, Calvino define seu livro desta forma:

Trata-se de um romance sobre o prazer de ler romances; o protagonista é o Leitor, que por dez vezes recomeça a ler um livro que, em razão de vicissitudes alheias a sua vontade, ele não consegue terminar. Tive, portanto, de escrever o início de uma dezena de romances de autores imaginários, todos de algum modo diferentes de mim e diferentes entre si: um romance todo de desconfianças e de sentimentos confusos. (CALVINO, 2003, p.166)

De acordo com o narrador, aos livros devemos as mais extraordinárias experiências, mas delas não corremos o risco de nos perder ou nos decepcionar, por estarem fixadas ao universo encantado da ficção. Explica ainda que o leitor vai encontrar pela frente um instigante desafio que só a leitura é capaz de proporcionar.

Embarcar neste passeio

No romance, as preocupações do leitor em relação ao seu arsenal literário também se assemelham ao do personagem quando este busca por um título em particular por entre ilhas e estantes de uma livraria:

Já logo na vitrine da livraria, identifiquei a capa com o título que procurava. Seguindo essa pista visual, você abriu caminho na loja, através da densa barreira de Livros Que Você Não Leu que, das mesas e prateleiras, olham-no de esguicha tentando intimidá-lo. Mas você sabe que não deve deixar-se impressionar, pois estão distribuídos por hectares os Livros Cuja Leitura É Dispensável, os Livros Para Outros Usos Que Não a Leitura, os Livros já Lidos Sem Que Seja Necessário Abri-los, pertencentes que são à categoria dos Livros Já Lidos Antes Mesmo de Serem Escritos. (CALVINO, 2003, p. 13)

E esta demonstração de afinidade com o universo dos livros prossegue de forma a acolher as infundáveis dúvidas do leitor: “... Os Livros que Há Tempos Você Pretende Ler, os Livros Que Procurou Durante Vários Anos Sem Ter Encontrado, Os livros que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento, Os Livros Que Deseja Adquirir Para Ter Por Perto...” (CALVINO, 2003, p. 12).

Assim, visando ampliar a relação com o leitor, o narrador cita o próprio autor quando apresenta a obra: “Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos”. (CALVINO, 2003, p. 11). Prossegue ainda indicando as mais variadas e confortáveis maneiras de ler: “Pois bem, o que está esperando? Estique as pernas, acomode os pés numa almofada, ou talvez em duas, nos

braços do sofá, no encosto da poltrona, na mesinha de chá”. (CALVINO, 2003, 12). E assim vai se esgueirando ao redor do leitor buscando convencê-lo desta leitura:

E quanto aos livros? Aí está: justamente por ter renunciado a tantas coisas, você acredita que seja certo conceder a si mesmo o prazer juvenil da expectativa num âmbito bastante circunscrito como este dos livros, em que as coisas podem ir bem ou mal, mas em que o risco da desilusão não é grave. (CALVINO, 2003, p. 12).

O romance aborda a pertinência do hábito da leitura e sua eficaz capacidade de surpreender e aliciar o leitor interferindo em suas ocupações cotidianas: “Você está sentado em sua mesa de trabalho, e o livro por acaso está ali entre os papéis do escritório; em dado momento você afasta o dossiê, e o livro surge bem debaixo de seus olhos”. (CALVINO, 2003, p.15).

Trata-se de fragmentos de histórias, as quais se perdem, se entrelaçam e se desprendem. São narrativas diferentes criadas ao gosto do leitor: *Se um viajante numa noite de inverno*; *Fora do povoado de Malbork*; *Debruçando-se na borda da costa escarpada*; *Sem temer o vento e a vertigem*; *Olha para baixo onde a sombra se adensa*; *Numa rede de linhas que se entrelaçam*; *Numa rede de linhas que se entrecruzam*; *No tapete de folhas iluminadas pela lua*; *Ao redor de uma cova vazia*; *Que história espera seu final lá embaixo*.

O narrador explica que os cadernos com os fragmentos foram agrupados de forma desordenada em um mesmo livro por um erro de impressão ou da montagem do objeto livro: “O erro se deu durante o processo de encadernação: um livro é feito de cadernos; cada caderno é uma grande folha na qual se imprimem dezesseis páginas, que depois são dobradas em oito”. (CALVINO, 2003, p. 32).

Ao descobrir o erro, o leitor, que já estava interessado na história, sai em busca do livro correto, que já não se trata do livro de Calvino ‘Se um viajante...’, mas de outro livro, no entanto, tem um surpresa: “E eis que...Eis que, já na primeira página, você percebe que o romance que está segurando entre as mãos nada tem a ver com aquele que estava lendo.” (CALVINO, 2003, p. 40). E esta busca vai acontecer seguidamente, demonstrando que as histórias não têm um fim definitivo. E, ao personagem narrador se junta a personagem Ludmila, outra leitora disposta a desvendar o mistério:

Sentados à mesa do café, você e Ludmila fazem um balanço da situação: -Resumindo: *Sem temer o vento e vertigem* não é *Debruçando-se na borda da costa escarpada*, que, por sua vez, não é *Fora do povoado de Malbork*, o qual é coisa completamente diferente de *Se um viajante numa noite de inverno*. Só nos resta remontar às origens de toda esta confusão. É. Foi a editora que nos submeteu a tais frustrações; portanto ela é que nos deve uma reparação. Temos todo o direito de exigir isso. (CALVINO, 2003, p. 96).

E esta é uma decisão daqueles que se sentem logrados por uma leitura inacabada, ou seja, procurar os responsáveis pelo problema. No caso a Editora, mas o personagem narrador se vê impedido de tal atitude por questões de princípios. E neste trecho, Calvino deixa transparecer a relação do leitor com os livros e entre aqueles que o produzem:

Há uma linha limítrofe: de um lado estão aqueles que fazem os livros, do outro, aqueles que os leem. Quero continuar sendo parte dos que os leem e, por isso, fico alerta para manter-me sempre aquém dessa linha. Caso contrário, o prazer desinteressado de ler acaba ou se transforma em outra coisa, que não é o desejo. Trata-se de uma linha fronteira aproximativa, que tende a desaparecer: o mundo daqueles que se relacionam profissionalmente com livros é sempre mais populoso e tende a identificar-se com o mundo dos leitores. (CALVINO, 2003, p.97).

O espaço do leitor é delimitado, de acordo com o personagem. As circunstâncias da produção do livro não o interessam e são dispensáveis. Mais do que isso, para ele existe a perigosa probabilidade de perder a magia, considerando que o leitor e sua preciosa leitura deve se manter à considerável distância deste universo da produção e do mercado livreiro.

Esta perspectiva apresenta também, de maneira sutil, a obsessão do editor que se depara com uma dificuldade de ordem logística ao observar o problema em todos os exemplares que de alguma forma foi erro da gráfica. E sobre o papel do gráfico no contexto desta produção, Darnton faz algumas ressalvas quanto ao processo histórico que, notadamente, tem alguma afinidade com as dúvidas enfrentadas pelos leitores do romance de Calvino:

Conhecemos bem melhor a gráfica do que os outros estágios de produção e difusão de livros [...] Bibliógrafos deram contribuições importantes à crítica textual, especialmente nos estudos shakespearianos, construindo inferências a partir da estrutura do livro, passando ao seu processo de impressão e, em seguida a um texto original, como os manuscritos perdidos de Shakespeare. Esta linha de raciocínio foi recentemente questionada por D.F.Mckenzie. Mas, ainda que nunca consigam reconstruir um Shakespeare Primordial, os bibliógrafos podem demonstrar a existência de edições diferentes de um texto e, estados diferentes de uma mesma edição, habilidades necessárias no estudo da difusão.

Aponta também a propaganda direcionada aos admiradores daquele escritor, o próprio Ítalo Calvino, nas palavras do narrador: “Pois então, você leu num jornal que foi lançado *Se um viajante numa noite de inverno...*, o novo livro de Italo Calvino, que não publicava nada havia vários anos. Passou numa livraria e comprou o volume. Fez bem.” (CALVINO, p. 13, 2003).

Livros, leitores e leitura

DARNTON (2010) afirma com muita propriedade que, quando tratado como objeto de estudo, o livro também se recusa a ser confinado pelos limites de uma única disciplina:

Nem a história, nem a literatura, nem a economia, nem a sociologia nem a bibliografia podem fazer justiça a todos os aspectos da vida de um livro. Assim, por sua própria natureza, a história do livro deve ser internacional em escala e interdisciplinar em método. Mas não precisa se abster de coerência conceitual; o livro pertence a circuitos de comunicação que operam dentro de padrões consistentes, por mais complexos que pareçam. Ao revelar esses circuitos, os historiadores podem mostrar que os livros não apenas relatam a história; eles fazem a história. (DARNTON, p. 219, 2010)

Ao delinear o trajeto desta trama, Calvino consegue a proeza de instigar uma discussão sobre as diversas perspectivas apresentadas pela ficção contemporânea, entre elas a da metaficção, teoria em que, basicamente, a obra debruça-se sobre si mesmo, não apresentando uma narrativa na forma tradicional baseada em uma história com começo, meio e fim. E estes traços são muito preponderantes para o escritor como demonstra Ernesto Sábato ao dizer:

Na ficção, ensaiamos outros caminhos, lançando ao mundo personagens que parecem ser de carne e osso, mas que pertencem somente ao universo dos fantasmas. Entes que realizam por nós e, de algum modo, em nós, destinos que a vida única nos vedou. O romance, concreto, mas irreal, é a forma que o homem inventou para escapar desse encurralamento. Forma quase tão precária como o sonho, mas, ao menos, mais voluntariosa. Essa é uma das raízes da ficção. A outra talvez seja a ânsia de eternidade que tem a criatura humana; outra ânsia incompatível com sua finitude. A busca do tempo perdido, o resgate de uma infância qualquer ou de alguma paixão, a petrificação de um êxtase. Outro simulacro, em suma. (SABATO, 2003, p. 168).

Como Sábato propõe, é somente pela ficção que podemos vislumbrar um mundo alternativo, embora inatingível. Isto porque, ao lançar mão de seus personagens, ou utilizando seu termo, “fantasmas”, o escritor aponta para si mesmo e para outras pessoas, variados horizontes, os quais surgem deslocados daqueles que comumente conhecemos.

Acrescenta ainda que o romance é quem vai libertar o homem da limitação imposta pela sua única vida. E estas afirmações insinuam-se para a necessidade do controle do tempo, algo inaceitável em nossos planos concretos, mas usual na vida interna do romance.

Análoga a ideia de Ernesto Sábato, Vargas Llosa (2004) apresenta, de forma definitiva, uma surpreendente constatação sobre a falsidade de que são feitos os romances:

De fato, os romances mentem - não podem fazer outra coisa-, porém essa é só uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. Dito assim parece um galimatias. Mas, na realidade, trata-se de algo muito sensível. Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos - ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam em não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. (VARGAS LLOSA, 2004, p. 12).

Sendo assim, cabe aqui reiterar a perspectiva metafictional constante do neste romance que revela os mistérios e propõe discussão pertinente a trajetória da criação literária e suas consequências. Tal aspecto se verifica não só no que se refere à participação desta personagem, mas também na interferência do narrador ao conduzir a trama.

Este ao optar por focos narrativos diversificados cria uma atmosfera que favorece a discussão da obra literária dentro da própria obra.

Em decorrência disso, a narrativa vai aparentar ao leitor certo desleixo em preocupar-

se com verdades absolutas; sejam existenciais, temporais ou espaciais já que exprime apenas uma verdade, a da ficção.

O romance apresenta um cenário apropriado para concretizar o encontro entre livros, leitores e leitura, confirmando assim a premissa de que o julgamento final cabe ao leitor que terá a responsabilidade de estabelecer fronteiras e julgar as confluências.

Referências

- CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro do leitor ao navegador*. Tradução de Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 1999.
- DARNTON, Robert. “O que é a História dos livros?”. In: *A questão dos livros: passado presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FISCHER, Steven Roger. *História da Leitura*. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- THONPSON, John B. *Mercadores de Cultura: o mercado editorial do século XXI*. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- VARGAS LLOSA, Mario. *A verdade das mentiras*. 3 ed. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: ARX, 2004.

Maria Helena de Moura Arias

Jornalista e Doutora em Letras pela UNESP de Assis-SP. Também é autora do livro infantil ‘Poesia é Magia’, publicado pela Editora Scortecci. helenarias18@gmail.com; helenarias@uel.br.

Recebido em 01 de setembro de 2011.

Aceito em 15 de janeiro de 2012.